

INSTITUIÇÃO ORATÓRIA



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

Reitor

ANTONIO JOSÉ DE ALMEIDA MEIRELLES

Coordenadora Geral da Universidade

MARIA LUIZA MORETTI



Conselho Editorial

Presidente

EDWIGES MARIA MORATO

CARLOS RAUL ETULAIN – CICERO ROMÃO RESENDE DE ARAUJO

DIRCE DJANIRA PACHECO E ZAN – FREDERICO AUGUSTO GARCIA FERNANDES

IARA BELELI – MARCO AURÉLIO CREMASCO – PEDRO CUNHA DE HOLANDA

SÁVIO MACHADO CAVALCANTE – VERÓNICA ANDREA GONZÁLEZ-LÓPEZ

Coleção Fausto Castilho de Filosofia

Série Multilíngues

Comissão Editorial

ALEXANDRE GUIMARÃES TADEU DE SOARES (UFU) e OSWALDO GIACOIA JUNIOR (UNICAMP), COORDENADORES

DANIEL GARBER (UNIVERSIDADE DE PRINCETON) – FRANKLIN LEOPOLDO E SILVA (USP)

GIULIA BELGIOIOSO (UNIVERSIDADE DO SALENTO).

REPRESENTANTE DO CONSELHO: CICERO ROMÃO RESENDE DE ARAUJO

Marcos Fábio Quintiliano

INSTITUIÇÃO ORATÓRIA

Tomo I

Livros I, II e III

Edição em latim e português

Tradução, apresentação e notas

Bruno Fregni Bassetto

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELO
SISTEMA DE BIBLIOTECAS DA UNICAMP
DIVISÃO DE TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO

Q45i Quintiliano.
Instituição oratória / Marcos Fábio Quintiliano; tradução e notas: Bruno Fregni
Bassetto. – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2015.
Tomo I

(Coleção Fausto Castilho de Filosofia – Série Multilíngues)

Edição em latim e português.

1. Discursos latinos. 2. Oratória antiga. 3. Retórica antiga. I. Bassetto, Bruno Fregni.
II. Título.

ISBN 978-85-268-1234-5

CDD 875.01

Índices para catálogo sistemático:

1. Discursos latinos	875.01
2. Oratória antiga	875.01
3. Retórica antiga	875.01

Título original: *Institutio oratoria*

Copyright © da tradução by Fundação Fausto Castilho

Copyright © 2015 by Editora da Unicamp

3ª reimpressão, 2025

Opiniões, hipóteses e conclusões ou recomendações expressas
neste livro são de responsabilidade dos autores e não
necessariamente refletem a visão da Editora da Unicamp.

Direitos reservados e protegidos pela lei 9.610 de 19.2.1998.

É proibida a reprodução total ou parcial sem autorização,
por escrito, dos detentores dos direitos.

Impresso no Brasil.

Foi feito o depósito legal.

Direitos reservados a

Editora da Unicamp

Rua Sérgio Buarque de Holanda, 421 – 3º andar

Campus Unicamp

CEP 13083-859 – Campinas – SP – Brasil

Tel./Fax: (19) 3521-7718 / 7728

www.editoraunicamp.com.br – vendas@editora.unicamp.br

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	7
LIVRO I	15
LIVRO II.....	227
LIVRO III	403

APRESENTAÇÃO

Mesmo nascido em Calagurris Nassica, atual Calahorra, nas proximidades de Logroño, junto ao rio Ebro na Hispânia Tarraconensis, portanto fora do centro do mundo romano, o nome completo de Quintiliano — *Marcus Fabius Quintilianus* — denota que pertenceu à nobreza romana, dispondo do *ius trium nominum* [direito dos três nomes]. Esse fato revela o grau de romanização e de integração ao Império de toda a Ibéria.

Pouco se sabe de certo sobre a vida de Quintiliano; a data de seu nascimento situa-se entre as décadas de 30 e 40 do século I d.C. Quanto a seu pai, ao qual ele se refere uma vez no Livro IX, há indícios de que foi advogado ou retor. Sêneca menciona um homônimo, que talvez seja o avô de nosso autor, segundo alguns autores. Em Roma, foi discípulo do gramático Rêmio Palemon, de que se pode inferir ter Quintiliano aprendido com ele as primeiras letras, uma vez que ao *grammaticus* cabia o ensino das primeiras letras. Adquiriu cultura e conhecimentos de retórica com Servílio Numêncio e Domício Afer. Em 61, voltou à Tarraconense, dedicando-se à advocacia e à retórica por sete anos. Foi reconduzido a Roma pelo imperador Galba em 68. Começou então a se distinguir como advogado e professor de retórica ou “retor”; entre outros, teve como discípulo Plínio, o Moço, e talvez também o historiador Tácito. Foi incumbido da educação dos sobrinhos de Domiciano e dos filhos da imperatriz Domitila. Seu grupo de alunos parece ter sido bastante numeroso e grande sua fama de orador, fato dedutível do que escreveu o satírico Marcial (40-104 d.C.):

Quintiliane, vagae moderator iuventae /
Gloria Romanae, Quintiline, togae.
[Quintiliano, guia da mocidade desorientada /
Quintiliano, glória da nacionalidade romana.]

Informa São Jerônimo, em *Chronikon*, que Quintiliano foi o primeiro a abrir uma escola pública de retórica em Roma, no oitavo ano do imperador Domiciano; essa instituição foi oficialmente reconhecida, pelo que seu retor passou a receber um salário do Estado de 100 mil sestércios por ano, quantia estabelecida anteriormente pelo imperador Vespasiano para os retores romanos e gregos. O próprio Quintiliano se refere a esse trabalho com satisfação. Depois de 20 anos de atividade pública, retirou-se parcial ou totalmente para escrever, cumulado de honrarias (*ornamenta*, “títulos honoríficos”, *consularia*, “poderes próprios de cônsul” e *laticlavia*, “toga especial com bordas de cor púrpura”, característica da nobreza romana).

Na vida familiar, porém, Quintiliano sofreu duros golpes; ao que tudo indica, casou-se bastante tarde e provavelmente em 89 perdeu a esposa de apenas dezenove anos; no ano seguinte, morreu-lhe o filho mais novo, aos cinco anos; enquanto redigia a *Institutio*, faleceu o mais velho, aos dez. Foram fatalidades muito sentidas, tanto mais que seus escritos o mostram uma pessoa afetuosa, sensível e de um extraordinário bom senso. Sua figura humana é delineada por Juvenal como um homem sério, de postura grave, exatamente o oposto a um comediante:

Felix et pulcher et acer,
Felix et sapiens et noblis et generosus.
[Talentoso e belo e enérgico;
Abençoado pelos deuses e sábio e nobre e generoso.]

Vindas de um satírico mordaz, essas palavras devem sintetizar a opinião corrente sobre nosso autor, sem dúvida querido e admirado por seus contemporâneos. Em outra passagem, Juvenal afirma que Quintiliano era uma pessoa de posses, certamente não acumuladas com seu trabalho de mestre de retórica, levando-se em conta a escassa liberalidade dos pais de seus alunos em pagar-lhe os esforços da educação dos filhos, sem que isso diminuísse a dedicação e o empenho do mestre.

Não sobreviveu muito à publicação de sua obra capital; possivelmente também amargurado pela perda da família, faleceu em Roma, sem que seja possível determinar o ano exato. Baseadas em indícios não muito seguros, são apontadas várias datas, entre 95 até depois de 100 d.C.

Quanto a suas obras, de seus discursos de defesa, e contra sua vontade, publicou apenas um, proferido a favor de um certo Névio Apropiiano, acusado de ter matado a própria esposa. Em certa ocasião, discursou perante a rainha Berenice, cujo assunto é desconhecido. Atribuídas a ele são conhecidas 19 grandes e 145 pequenas “declamações”, mas que são realmente apócrifas. Alguns anos antes da *Institutio*, havia publicado *De causis corruptae eloquentiae*, que se perdeu e em que procura mostrar o mau gosto e a falta de formação e de caráter dos oradores de seu tempo como as causas da decadência da oratória. Para ele, essa situação constituía a negação das qualidades de integridade moral e desinteresse, essenciais ao orador: *Quod quidem orator, id est, vir bonus, nunquam faciet nisi forte communi utilitate ducetur* (III, 7, 25) [*Em verdade, o orador, isto é, o homem bom, nunca fará isso, a não ser talvez levado por um benefício comum*]. Não seria difícil extrair de várias passagens da *Institutio* os principais argumentos dessa obra perdida.

Contudo, a obra que realmente o consagrou é a *Institutio Oratoria*, cujo título apresenta pequenas variações sem maior importância. Motivaram-no a escrever o tratado as insistências dos amigos e o fato de que dois livros com seu nome estavam em circulação, compostos por seus alunos sem a devida permissão, com anotações das aulas, feitas “com mais zelo do que discrição”. O próprio Quintiliano diz que despendeu *paulo plus quam biennium* [pouco mais que um biênio] nesse trabalho, em 12 livros, e certamente já devia dispor de várias partes bem encaminhadas e ordenadas, além de concluídas as leituras do grande número de autores latinos e gregos, citados ao longo da obra, fruto da leitura e de sua longa experiência em sua cidade natal e em Roma.

Trata-se de uma obra monumental, considerada por alguns como uma verdadeira enciclopédia sobre retórica e educação, dividida em 12 livros. Seu intento é traçar o caminho do futuro orador a partir da mais tenra idade e formá-lo (*instituire*) de modo integral. No prefácio do Livro I, o autor apresenta uma sinopse da obra. Esse Livro é dedicado à educação da criança no seio da família e junto ao gramático, que deve ensiná-la, dos 12 aos 16 anos, a falar e a escrever corretamente. Em seguida, no Livro II, mostra que o educando deve passar para o professor de oratória, com quem aprenderá as téc-

nicas das discussões ou das controvérsias da eloquência judiciária e a dos debates suasórios, próprios da eloquência deliberativa.

Os Livros do III ao VII expõem os passos relativos à invenção e à disposição em diversos gêneros: demonstrativo, deliberativo, judiciário com exórdio, exposição, digressão, narração, divisão, proposição, confirmação, provas, argumentação e silogismo retórico. No prefácio do Livro VI, o autor deixa aflorar, com palavras veementes, sua grande dor pela morte prematura do filho, patenteando profunda sensibilidade de pai.

Nos Livros VIII, IX e X, disserta sobre a elocução. Destaca a necessidade da clareza, a utilidade dos ornamentos do discurso e da amplificação; trata das diversas espécies de figuras, da disposição das palavras nos períodos e do ponto, importante no latim, do ritmo oratório. O Livro X, como numa exemplificação incentivadora, ressalta o grande proveito, para os futuros oradores, que pode ser haurido do conhecimento das obras dos maiores autores latinos e gregos sobre o assunto.

O Livro XI é dedicado à memória, à apresentação, à aparência, à gesticulação e aos trajes do orador; tudo é dito adequada e criteriosamente.

O Livro XII, conclusão de todo o tratado, mostra o “orador completo” em ação, um homem altamente cultivado tanto no caráter como nos ideais, conhecedor dos diversos ramos do saber, tais como a história e o direito civil, e a consumação de tudo quanto existe de melhor em matéria de moral, de experiência e de domínio da expressão linguística e literária: manifestação máxima da idealizada *gravitas Romana*. Em resumo, por suas qualidades, o orador autêntico é definido, segundo e com Catão, *vir bonus dicendi peritus*, “um homem bom, exímio na arte de falar”. Ressalte-se o *bonus*: o aspecto de inteireza moral, de dignidade humana e de caráter, qualidades sem as quais o orador ou o advogado não pode ser considerado “bom” ou completo, por mais conhecimentos jurídicos de que disponha. Contudo, nas entrelinhas, Quintiliano visava à formação integral não só do orador, mas também de todo cidadão como ser humano e, em particular, do homem público, para quem a *gravitas Romana* deveria ser uma característica indispensável. Todas as suas orientações pedagógicas, que tiveram tão grande aceitação e aplicação nos meios humanísticos e renascentistas, se baseiam no respeito à pessoa com sua individualidade, especialmente nos estágios de seu desenvolvimento segundo a idade e as influências do meio.

Não raro, o autor vitupera certas posições e doutrinas de outros escritores; ele mesmo afirma que consultou todas as obras existentes, escritas sob

o ângulo das mais diversas doutrinas. Assim, é óbvio que não poderia concordar com todas. Entretanto, no fundo ele quis reagir contra os ensinamentos de retores que não davam suficiente importância à formação do espírito e da emotividade e ainda complicavam demasiadamente suas regras. Sua visão se liga à realidade, à praticidade, ao concreto. Certamente influenciado por seu mestre, Domício Afer, grande orador e disposto a preservar a tradição ciceroniana em Roma, sempre menosprezou a nova tendência, cujo maior representante era Sêneca, que se perdia em sutilezas e destaques; ao contrário, preferia a simplicidade e a objetividade do tempo de Cícero, a quem devotava total admiração como orador e como escritor. A clareza e a objetividade foram as qualidades de seus discursos desde o início de sua carreira, e ficou demonstrado o pouco valor das *declamationes* tão acentuado pelos novos. Quintiliano mostrou que suas teorias funcionavam na prática.

Além disso, esta obra (cuja tradução constará de quatro volumes) constitui um verdadeiro tratado sobre os princípios da educação, como se pode verificar nos Livros I, X e XII. Inicia indicando os cuidados que se deve ter com a primeira formação; na perspectiva da época, prefere a escola pública à particular; insiste na necessidade de investigar e respeitar as aptidões e tendências dos educandos e orientar seus espíritos. No Livro X, mostra-se objetivo e imparcial ao avaliar a contribuição advinda da leitura dos grandes autores, primeiramente para a formação do orador, o que não deixa, porém, de enriquecer a formação integral dos educandos.

Mas é no Livro XII que se encontram as preocupações morais que caracterizam nosso autor: demonstra um respeito muito grande pela infância e pela adolescência e elevado conceito das obrigações do professor; desse ponto de vista, resulta que uma educação sólida e completa não pode ser divorciada das qualidades morais. Na época em que a eloquência dos tribunais era praticada por delatores e pessoas não ou mal formadas, era absolutamente indispensável exigir dos advogados honestidade, dedicação, conduta moral e consciência profissional. Sob muitos aspectos, revelou-se excelente pedagogo: as observações sobre os defeitos, as aptidões dos alunos e os métodos adequados para cada caso são geralmente acertadas e profundas.

Concedidos esses méritos, os pósteros encontraram na obra alguns deslizes, sem dúvida não percebidos por seus contemporâneos. Mesmo tendo feito esforços, o autor não conseguiu furtar-se totalmente do espírito de sua época; criticou as sutilezas da retórica de seu tempo, mas em vários tópicos desceu a particularidades dispensáveis, especialmente nos conselhos dados.

O leitor perceberá que para ele a retórica é o ápice de tudo, cuja importância supera até mesmo a da filosofia; contudo, a retórica, como ele a concebia, seria a ciência que englobava na prática todos os ramos do conhecimento, em contradição com a visão de Cícero, seu grande modelo, para quem a filosofia é a ciência de todas as ciências.

A linguagem e o estilo de Quintiliano situam-se no período de prata da literatura latina, com enorme influência de Cícero; são, porém, vigorosos, vivos e cadenciados; a concisão do estilo por vezes dá a impressão de exagero. Usa, de um número considerável de autores gregos, termos técnicos com caracteres gregos, demonstrando que a cultura grega tinha ainda considerável influência em Roma no século I d.C.

A *Instituição Oratória* gozou de prestígio ao longo dos tempos. Entre seus concidadãos, enquanto ainda vivia e nos primeiros tempos depois de sua morte, era muito considerado e exerceu grande influência. No início do século II, avulta a doutrina de renovação da literatura e da oratória de Fontão (*Marcus Cornelius Fonto*, 100-166), tido como o maior orador do período e considerado *Romanae eloquentiae non secundum sed alterum decus* [não uma segunda, mas uma outra glória da eloquência romana]; sua projeção empanou a influência da *Institutio* por cerca de dois séculos, mas no século IV, foi ela permanentemente retomada. A existência de numerosos códices da *Institutio* prova que era bastante lida.

As primeiras edições impressas apareceram no século XV; a *editio princeps* foi impressa em 1470 por J. P. Lignamine em Roma; várias outras foram feitas em diversos países europeus nos anos seguintes, devendo-se ressaltar a de Rafael Regius (Veneza, 1493), por ter tentado reconstituir o texto original, expurgando-o de erros e interpolações com êxito respeitável. Mas a edição de George Lewis Spalding, de 1798, é considerada a melhor devido ao grande cuidado filológico e à perspicácia edótica do autor. Por outro lado, as primeiras traduções para as línguas modernas foram aparecendo: em 1568 e 1775 duas diferentes na Itália; em 1718, na França; em 1756, na Inglaterra, e, em 1775, na Alemanha; quase todas foram depois reimpressas sucessivas vezes com maiores ou menores intervalos.

Entretanto, citações, alusões ou referências de grandes vultos da humanidade a um autor perfazem um caminho seguro para avaliar-lhe o valor legado. Nesse aspecto, Quintiliano se faz presente no mundo de nomes, para citar apenas alguns exemplos, como Martinho Lutero, de quem foi o autor preferido dentre todos os escritores; Erasmo de Roterdã estudava-o com

APRESENTAÇÃO

grande persistência; o fabulista La Fontaine tinha-o em grande consideração; Racine, já quando era estudante, fazia dele numerosos resumos; Pierre Bayle, com sua visão filosófica, recomendava que todos lessem a *Institutio* antes de escrever algo; Frederico I, rei da Prússia, no último período da vida, retomou a leitura da *Institutio* para revigorar a inteligência.

Esta edição contém o texto latino (Livros I, II e II), reconstituído e editado pela Loeb inglesa, e a tradução para o português do Brasil; planeja-se a publicação de toda a *Institutio* em quatro volumes, cada um com três dos doze *libri* do original latino, embora a extensão de cada um no original não seja exatamente a mesma. *Quod Deus bene vertat* [Que Deus nos seja propício].

Bruno Fregni Bassetto

INSTITUIÇÃO ORATÓRIA

INSTITUTIO ORATORIA

LIVRO I

LIBER I

M. FABIVS QVINTILIANVS TRYPHONI SVO
SALVTEM

EFFLAGITASTI cotidiano convicio, ut libros, quos ad
Marcellum meum de Institutione oratoria scripseram
iam emittere inciperem. Nam ipse eos nondum
opinabar satis maturuisse, quibus componendis, ut
scis, paulo plus quam biennium tot alioqui negotiis
districtus impendi; quod tempus non tam stilo quam
inquisitioni instituti operis prope infiniti et legendis
2 auctoribus, qui sunt innumerabiles, datum est. Usus
deinde Horatii consilio, qui in arte poetica suadet, ne
praecipitetur editio *nonumque prematur in annum*,
dabam iis otium, ut, refrigerato inventionis amore,
diligentius repetitos tanquam lector perpenderem.
3 Sed si tanto opere efflagitantur quam tu adfirmas,
permittamus vela ventis et oram solventibus bene
precemur. Multum autem in tua quoque fide ac
diligentia positum est, ut in manus hominum quam
emendatissimi veniant.

1. M. Fábio Quintiliano a seu amigo Trifão¹, saudações.

Com insistência diária, tu me instavas a começar a publicar já os livros sobre a instrução oratória, que eu havia escrito para meu amigo Marcelo². Em verdade, eu mesmo não os considerava suficientemente amadurecidos, em cuja composição, como é de teu conhecimento, empreguei pouco mais de dois anos e, por outro lado, ainda preso a tantas ocupações. Em vista disso, o tempo não foi empregado tanto no trabalho de escrever, como na pesquisa quase em fim do assunto e na leitura dos autores, que são inumeráveis.

2. Em seguida, segui o conselho de Horácio³, que aconselha, em *Arte Poética*, a não precipitar a publicação ‘e adia-la para o nono ano’, estava lhes dando um descanso, a fim de que, esfriado o amor pelo produto, eu apreciasse com mais cuidado os textos retomados, como se fosse um leitor.

3. Contudo, caso sejam tão solicitados quanto afirmas, desfraldemos as velas aos ventos e, abandonando a praia, peçamos para ele um bom destino. Entretanto, muito está posto também em tua confiança e diligência, para que cheguem às mãos dos homens o mais corretamente possível.

Notas

¹ *Trifão* — Livreiro e editor de Roma, de quem fala Marcial; dele pouco se sabe.

² *Marcelo* — *Marcellus Victorius*, foi cônsul em 105 d.C.; personagem de destaque na sociedade romana. Quintiliano lhe dedicou a *Institutio Oratoria* como um manual para a educação do filho de Marcelo e também de seu próprio, mas o autor o perdeu quando a obra ainda estava pela metade. Também Estácio dedicou a Marcelo o Livro IV das *Silvae*.

³ *Horácio* — *Quintus Horatius Flaccus* (65-8 a.C.). Mais conhecido por seus *Épodos*, *Sátiras* e *Odes*, escreveu também *Ars Poetica*, obra enigmática que os críticos consideram pouco digna de Horácio; fica nas generalidades sobre os gêneros épico e dramático, mas muito pouco apresenta sobre a poética em geral. Repete conceitos tradicionais, embora com algumas indicações precisas e valiosas.

LIBER I

PROOEMIUM

Post impetratam studiis meis quietem, quae per viginti annos erudiendis iuvenibus impenderam, cum a me quidam familiariter postularent, ut aliquid de ratione dicendi componerem, diu sum equidem reluctatus, quod auctores utriusque linguae clarissimos non ignorabam multa, quae ad hoc opus pertinerent, 2 diligentissime scripta posteris reliquisse. Sed qua ego ex causa faciliorem mihi veniam meae deprecationis arbitrabar fore, hac accendebantur illi magis, quod inter diversas opiniones priorum et quasdam etiam inter se contrarias difficilis esset electio; ut mihi si non inveniendi nova at certe iudicandi de veteribus iniungere laborem non iniuste viderentur. 3 Quamvis autem non tam me vinceret praestandi,

LIVRO I

PREFÁCIO

1. Tendo conseguido o descanso de minhas atividades profissionais, que havia exercido instruindo jovens durante vinte anos, e como alguns me pedissem amigavelmente que compusesse algo sobre o método de falar, realmente relutei por muito tempo, porque não desconhecia que autores de ambas as línguas, muito conhecidos, haviam deixado aos pósteros, com toda exatidão, muitos escritos relacionados a esse assunto.

2. Contudo, pelo mesmo motivo que eu julgava que seria mais fácil a desculpa de minha recusa, tanto mais eles se animavam, porque seria difícil a escolha entre as diversas opiniões dos antecessores e ainda umas tantas opostas entre si, assim que não lhes parecia injusto atribuir-me o trabalho, se não de descobrir coisas novas, pelo menos de apreciar as dos antigos.

3. Ainda que não me vencesse tanto a confiança de realizar

quod exigebatur, fiducia quam negandi verecundia, latius se tamen aperiente materia plus quam imponebatur oneris sponte suscepi, simul ut pleniore obsequio demererer amantissimos mei, simul ne vulgarem viam ingressus alienis demum vestigiis insisterem.

4 Nam ceteri fere, qui artem orandi litteris tradiderunt, ita sunt exorsi, quasi perfectis omni alio genere doctrinae summam in eloquentia manum imponent, sive contemnentes tanquam parva, quae prius discimus, studia, sive non ad suum pertinere officium opinati, quando divisae professionum vices essent, seu, quod proximum vero, nullam ingenii sperantes gratiam circa res etiamsi necessarias procul tamen ab ostentatione positas; ut operum fastigia spectantur,

5 latent fundamenta. Ego, cum existimem nihil arti oratoriae alienum, sine quo fieri non posse oratorem fatendum est, nec ad ullius rei summam nisi praecedentibus initiis perveniri, ad minora illa, sed quae si negligas, non sit maioribus locus, demittere me non recusabo; nec aliter, quam si mihi tradatur educandus orator, studia eius formare ab infantia incipiam.